

CÓPIA AUTÊNTICA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

O que nós queremos

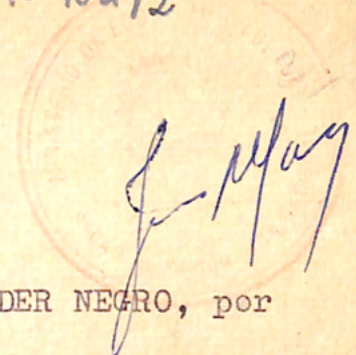

Uma das tragédias na luta contra o racismo é que até agora não apareceu uma organização nacional capaz de falar aos jovens negros militantes, cada vez mais numerosos, nos guetos urbanos. Houve somente um movimento pelos direitos civis mas o seu tom de vez foi adaptado / aos ouvidos de uma audiência, dos brancos liberais. Serviu como uma espécie de área-tampão entre estes últimos e os jovens negros agressivos. Nenhum dos seus supostos líderes foi capaz de entrar numa comunidade tumultuada e fazer-se ouvir por ela. Em certo sentido, eu culpo / a nós mesmos- a grande parte da massa-pelo que aconteceu em Watt, Harlem, Chicago, Cleveland, Orahá. O povo daquelas cidades só zangava, cada vez que via Martin Luther King ser esbofetado; quando viu quatro / meninas negras morrerem numa explosão, ficou mais zangado ainda, e quando viu tudo aquilo não deu em nada, ficou furioso. As massas sentiam que nada tinhamos a oferecer-lhes, a não ser saírem pelas ruas ou continuarem apanhando. Nós ajudamos a construir a sua frustração.

Durante anos os negros norte-americanos manifestaram-se e tiveram as cabeças quebradas e levaram tiros. Estavam dizendo à nação: "Vocês são considerados gente boa e nós vamos fazer somente aquilo que esperam de nós- Por que não nos dão o que estamos pedindo? Por que não se comportam direito? - Depois de vários anos de manifestações, continuamos quase que no mesmo ponto- e isto porque partimos de uma posição de fraqueza. Não podemos continuar a sair pelas ruas e têmos as nossas cabeças quebradas só para dizer aos brancos: "Vamos lá, vocês são gente boa, por que se vocês não são gente boa, nós vamos acabar descobrindo".

Uma organização que pretende responder pelas necessidades de uma comunidade como faz o Comitê de Coordenação dos Estudantes-deve falar à altura desta comunidade e não como porta-voz de grupos intermediários. Esta é a importância de PODER NEGRO como slogan. Pela primeira vez, os cidadãos negros vão usar as palavras que desejam- e não aquelas que os brancos querem ouvir. E farão isto não importa quantas / vezes a imprensa tente deter o uso do slogan, comparando-o com racismo ou separatismo.

Uma organização que diz trabalhar pelas necessidades de uma comunidade- como o fazia o SNCC (Student non-violent Coordination Committees)- deve criar para esta comunidade a posição de força, através da

Cont...



Cont...

qual ela possa se fazer ouvir. Esta é a importância do PODER NEGRO, por letras do slogan.

O PODER NEGRO pode ser definido claramente para aqueles que não/ condicionam suas perguntas aos temores da América Branca. Devemos começar pelo ponto básico de que os negros norte-americanos têm dois problemas: são pobres e negros. Todos os outros problemas advêm desta dupla realidade: falta de educação, a tão conhecida apatia do homem negro, etc. Qualquer programa para eliminar o racismo deve dirigir-se a êstes dois/ temas.

Quase desde o início, o SNCC procurou enfocar ambas as condições/ com um programa que visava a ganhar poder político para as classes negras pobres no Sul do país. Tínhamos que começar pela política, porque/ os negros norte-americanos são pessoas sem propriedades dentro de uma / nação e a propriedade é tida como o que há de mais valioso. Tínhamos que lutar pelo poder, porque neste país nada funciona pela moralidade, pelo amor e pela não-violência, mas sim, pelo poder. Dessa forma resolvemos/ ganhar força política com a idéia de partirmos daí para uma atividade / que tivesse efeitos econômicos. Com o poder as massas conseguiriam tomar decisões ou participar de tomada das decisões, que comandam o seu desti/ no; e dessa forma, criar mudanças básicas na sua vida cotidiana.

Mas se o poder político era a chave para a autodeterminação, era óbvio, também, que esta chave já havia sido atirada num poço profundo / há muitos anos atrás. A privação dos direitos civis, mantida pelo terror racista, torna impossível falar-se na organização de forças políticas em 1960. Tinha de ser conquistado o direito de voto e os membros do SNCC / despediram as suas energias neste sentido de 1961 à 1965. Conseguiram / introduzir uma série de registros de voto, no extremo sul do país, atra/ vés de pressões, como a promoção de eleições de brincadeira no Mississi- pi Freedom Democratic Party (MFDP) em 1964. Esta luta foi facilitada, mas não ganha, com a promulgação da Lei de Direito de Voto, em 1965. Os mem/ bros do SNCC puderam então dar atenção à pergunta seguinte: "Em quem vo/ tar para resolver os nossos problemas?"- Como fazer o nesse voto signi- ficativo?".

O SNCC já havia tentado em Atlantic City reconhecimento do MFDP / pelo Partido Democrata e havia perdido. Em Arkansas, o SNCC ajudou 30 ci/ dadãos negros a concorrerem nas eleições, e todos, com exceção de um, fo/ ram derrotados tendo havido evidências de fraude e intimidações suficien/ tes para provocar a derrota. Em Atlanta, Julian Bond concorreu duas vê-

Cont...



Cont...

zes às eleições da Assembléia Estadual, ganhando ambas as vezes e ja-  
mais sendo empossado. Fazendeiros negros candidataram-se várias vezes  
em vários Estados, às eleições dos comitês agrícolas, os quais to-  
mam decisões importantes sobre o uso da terra, empréstimos etc. Apesar  
de terem conquistado lugares em alguns comitês nunca chegaram a ter  
maioria necessária para controlá-los.

Todos êsses esforços foram tentados para se conquistar o PODER  
NEGRO. Veio em Alabamas, entretanto, a oportunidade de se experimentar  
como os negros poderiam organizar-se num partido indepedente. Uma lei/  
peculiar para Alabama estabelece que qualquer grupo de cidadãos pode /  
indicar candidatos para o Conselho Municipal e, se o grupo ganhar 20%  
de votos, pode org,nizar um partido político municipal. O mesmo é apli-  
cado ao nível estadual O SNCC resolveu então organizar-se em vários mu-  
nicípios, como por exemplo o de Lowndes, onde a população negra que a-  
tinge 80% e tem uma média de renda anual de 943 dólares- havia descober-  
te que não ia conseguir nada dentro dos quadros do Partido Democrata /  
do Alabama devido ao racismo dentro do partido e o fato de a taxa de /  
registro, para as eleições daquele ano, ter sido aumentada de 50 dóla-  
res para 500, justamente para impedir que um maior número de cidadãos/  
negros pudessem candidatar-se. A 3 de maio do ano passado, cinco novas  
organizações livres municipais, convocaram e nomearam candidatos para  
os postos de Sheriff, e assessôres de impostos e membros do corpo docen-  
te. O símbolo do partido é uma pantera negra: um arrojado e bonito ani-  
mal representando a fôrça e a dignidade que os negros exigem atualmen-  
te. Um homem precisa de uma pantera negra ao seu lado quando a sua fa-  
mília sofre privações- perde de emprêgo, despejos, fome e algumas vezes  
até morte por atividades políticas. Ele também necessita de uma arma /  
e o SNCC reafirma o direito do cidadão negro de defender-se em qualquer  
lugar que fôr ameaçado ou atacado.

Esta é a experiência histórica específica pelo qual o SNCC con-  
vocou o PODER NEGRO a emergir na marcha do Mississippi de julho de 1966  
Mas o conceito do PODER NEGRO não e um fenômeno recente e isolado: tem  
crescido através da fermentação de agitações e atividades de grupos e/  
organizações diferentes em muitas comunidades negras durante anos.  
O fato é que se conseguíssemos eleger um sheriff, êle poderia acabar/

Cont...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Cont...

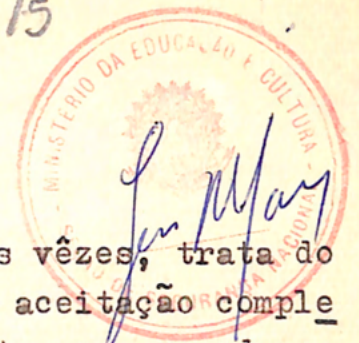


acabar com as brutalidades policiais e se um cidadão negro fosse eleito assessor de impostos ele poderia coletar fundos para a construção de melhores estradas e escolas nos distritos negros. Transferindo, dessa forma, o movimento da área política para a econômica e aprendendo a adquirir controle. E é justamente isto o que eles procuram: controle. Onde os negros não são maioria o que querem com o PODER NEGRO é adquirir justa representação e participação no controle. O que quer dizer, a criação de bases necessárias para dar aos negros possibilidade de mudar os moldes de opressão, em escola estadual e nacional, através da força e não da fraqueza. Politicamente, o PODER NEGRO significa o que sempre significou o SNCC: a reunião de cidadãos negros para eleger os seus representantes e para forçar os seus representantes a solucionar os seus problemas. Isto não significa somente a colocação de caras negras nas repartições. Um homem ou uma mulher de cor negra, que vive numa favela, não está necessariamente capacitada a resolver os problemas dos homens de cor. O Poder deve pertencer a uma comunidade e emanar dela própria.

Em síntese, para que os negros controlem suas próprias vidas é necessário que os fundamentos econômicos dos EUA sejam sacudidos.

As colônias dos Estados Unidos- e elas incluem os guetos negros dentro de suas fronteiras, tanto no norte quanto no sul-precisam ser libertadas. Durante um século este país tem sido um espécie de polvo, cujos tentáculos se esticam do Mississippi e Harlem à América do sul, ao Oriente Médio, à África do Sul e ao Vietnam; a forma de exploração varia de área em área, mas o resultado final tem sido sempre o mesmo/ uma pequena maioria poderosa mantém-se e enriquece-se às custas de massas mestiças pobres e emudecidas. Este procedimento deve ser interrompido. Na medida que os tentáculos começam a ceder em várias partes do mundo, as esperanças dos negros americanos tornam-se mais realistas. A única fórmula capaz de fazer desaparecer o racismo é fazer surgir uma América totalmente diferente.

É isto que a sociedade branca recusa-se a encarar; e é isto que faz aquela sociedade preferir falar de integração. Mas integração soluciona somente o problema racial, e não o problema de pobreza. Integração, hoje em dia, consiste "no cara que alcançou sucesso afastar-se de seus irmãos negros do gueto tão rápido quanto lhe permita o seu novo carro esporte". Ela não tem a menor relevância para o Wine do Harlem ou para o colhedor de algodão que só ganha três dólares por dia. Como disse certa vez uma senhora de Alabama que conheço: "O que Ralph Dupche, diplomata negro, da delegação dos EUA na ONU, come não enche o meu estômago."

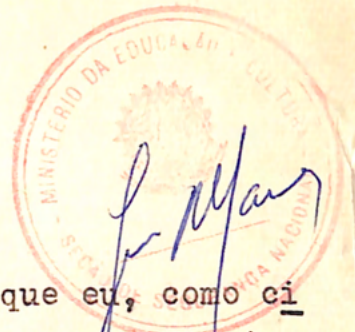


Além do mais, integração, na maioria das vezes, trata do problema racial de uma forma desprezível. Baseia-se na aceitação completa do fato de que para que se possa ter uma casa decente, ou uma educação satisfatória, o negro deve mudar-se para um bairro branco ou mandar seus filhos para uma escola do mesmo gênero. Esta fórmula reforça, tanto entre negros como entre brancos, a idéia de que o branco é automaticamente melhor e o negro inferior por definição. É por isso que integração é um subterfúgio para a manutenção da supremacia branca. Faz com que o país concentre a sua atenção num punhado de crianças sulistas que conseguiram, com grande esforço, ser aceitas nas escolas brancas, e ignore os 93% das obrigações a frequentar escolas deficientes só para negros. Situações como estas não mudarão até que as pessoas de cor conquistem - em poder - neste caso, para dirigir as suas próprias escolas. Só assim os negros torna-se-ão iguais de uma forma relevante e a integração deixará de ser uma rua de mão única.

Para a maioria dos brancos, o poder negro parece significar que os Mau Mau estão invadindo os subúrbios durante a noite. Eles estão se aproximando e é preciso que os brancos os detenham. Surgem artigos sobre conspirações "to get whitey" (em tradução aproximada, "acertar" o branco) criando uma atmosfera na qual "a ordem e a lei devem ser mantidas". Uma vez mais, a responsabilidade é transferida do opressor para o oprimido. Certos brancos vociferam: "Não se esqueçam, vocês são somente 10% da população, se vocês se tornarem muito exigentes, nós varremos vocês do mapa". Os liberais reclamam: "E nós? Vocês não querem a nossa ajuda? "Estas são as pessoas supostamente interessadas nos negros - norte-americanos, mas atualmente eles pensam primeiro neles mesmos e na mágoa de terem sido rejeitados. Em certos casos advertem: "Vocês não podem fazer nada sem coalizão, quando na verdade não existe no momento um só grupo em que os negros possam entrar em coalizão sem serem absorvidos ou traídos. Ou então nos acusam de paralizar as raças quando pela união dos negros e quando a verdadeira responsabilidade da polarização pertence aos brancos, ao não reconhecerem a responsabilidade de serem governo e não conseguir fazer funcionar o processo democrático.

A América Branca não consegue encarar a realidade do problema de cor. Os bem intencionados dizem: "Somos todos seres humanos, todo mundo é decente, temos que esquecer a cor". Mas a cor não será esquecida enquanto não for aceita e reconhecida a sua importância. A América Branca não reconhecerá que a visão que tem de si mesma é contraditória, porque ela também é negra - e sempre foi. Enquanto a maior parte das pessoas que se estabeleceram neste país vieram em busca de liberdade ou oportunidade econômicas, os negros foram trazidos para a América como escravos.

-6-



Os brancos não vêm, por exemplo, que eu, como cidadão oprimido por causa de minha cor, tenho uma causa em comum com todos os outros negros perseguidos pela mesma razão. Isto não quer dizer / que não existam brancos capazes de ver o problema como eu vejo, mas é aos negros que eu devo dirigir-me em primeiro lugar. E também é aos negros, que o SNCC deve se dirigir, primeiramente, e não aos amigos de grupo oprimido.

Desde que nasceram, os negros apredem uma série de mentiras a seu respeito. Ensinam-nos que somos preguiçosos - apesar disso eu viajei pelo delta do Mississippi e vi os negros colhendo algodão durante 14 horas seguidas sob sol forte. Ensinam-nos também que "se a gente trabalha duro a gente vence", mas se isso fôsse verdade, os cidadãos negros já eram os donos dêste país. Somos oprimidos porque somos negros - e não porque somos ignorantes e preguiçosos, nem porque somos idiotas... ("embora tenhamos um bom ritmo").

Lembro-me quando eu era garoto e ia assistir ao sábado aos filmes de Tarzan. O Tarzan branco costumava derrotar os nativos negros. Eu sentava lá e gritava: "Mate as feras. Mate os selvagens. Liquide-os." O que eu estava gritando era: "Mate a mim". Era como se um garoto judeu assistisse aos nazistas levarem a sua gente para o campo de concentração e aplaudisse o que êles estavam fazendo. Hoje eu desejo que o chefe de tribo derrote o Tarzan e mande-o de volta para a Europa.

Isto não quer dizer que nós aceitamos ajuda ou amigos. Queremos, entretanto, ter o direito de decidir se estas pessoas, são ou não nossos amigos. No passado, o negro norte-americano era praticamente a única pessoa a quem todo mundo podia aparecer e dizer-se amigo. Nós eramos objetos, símbolos, etc. - exatamente o que eu representava para um grupo de garotos brancos na escola que gostavam de ter o "seu amigo negro". Queremos decidir quem é e quem não é nosso amigo e não ter de aceitar qualquer um que venha e diga: "Se você fizer isto ou aquilo, eu ajudo a você". Não queremos ser ensinados a quem devemos escolher como amigos. Não podemos aceitar que os opressores nos ensinem a nos libertarmos dêles mesmos.

Já disse que a maioria dos liberais brancos reagem ao poder negro com a pergunta: "E ou?" em vez de dizerem: "Diga-me o que querem e eu vou ver o que posso fazer por vocês". Existe a resposta para a pergunta certa. O que há de mais terrível entre os brancos que nos apoiam é que êles têm medo de ir à sua própria comunidade - onde o racismo realmente existe - o trabalhar para exterminá-lo. Querem vir de Nova York para nos ensinar o que devemos fazer no Mississippi, em vez de resolver em Nova York.



Aconselham aos negros a não serem violentos quando deviam estar pregando a não-violência nas comunidades brancas. Vêm me ensinar história dos negros, em lugar de irem para os subúrbios abrir escolas públicas para brancos. O que deveriam fazer é trabalhar para mudar a política externa racista dos Estados Unidos e pressionar o governo para não mais apoiar economicamente a África do Sul.

Este é um trabalho essencial a ser feito pelos brancos. Esperemos ver eventualmente uma coalizão entre pobres brancos e negros. Esta é a única coalizão que nos parece aceitável. É a coalizão que será o instrumento interno mais importante para a mudança da sociedade americana. O SNCC já tentou várias vezes organizar os brancos pobres e tentou inclusive, no ano passado, um plano inicial de experiência, em Tennessee. Atualmente é totalmente teórico falar-se na união de brancos e negros, mas a tarefa de criar uma organização de brancos pobres deve ser tentada. A responsabilidade maior nesta tarefa cabe aos brancos. Negros e brancos podem trabalhar juntos, quando possível, numa comunidade branca, o que é possível, digo impossível é ir a uma cidade pobre do Sul e começar a falar de integração. Os brancos pobres, em todas as partes do país estão se tornando mais hostis e isto porque estão vendo a atenção do governo focalizada na pobreza dos negros e ninguém interessado nêles. Muitos jovens de classe média norte-americana, de tipo de "pepsi generation" gostaria de ter nascido numa comunidade negra, eles gostariam de estar juntos à ação - e ela existe dentro das comunidades negras.

Os negros não estão a fim de tomar conta do país. Nem querem tampouco "got"Whitey", o que eles desejam é tirar os brancos de cima de seus ombros - como diz o ditado. A nossa visão, entretanto, não é meramente o de uma sociedade, na qual os homens negros possam comprar todas as coisas boas da vida. Quando reclamamos que o dinheiro negro deve ir para o bolso negro, queremos dizer que ele deve ir para a comunidade, e ser gasto em seu benefício. Queremos que o conceito de cooperatividade seja aplicado nos investimentos e nos brancos. Queremos também os residentes dos guetos exigirem a um proprietário de imóvel a venda deste local a um pouco, digo preço mínimo para que eles o possam explorar numa forma de cooperativa. E que exijam isto, através de uma greve ou boicote, de uma comunidade de tal maneira unida, que ninguém mais porá os pés neste edifício ou loja.

A sociedade que procuramos construir entre os negros não é, conseqüentemente, uma sociedade capitalista. É uma sociedade onde prevalece o espírito de comunidade e amor ao próximo. A palavra amor é suspeita, a esperança dos negros naquilo que ela poderia trazer de bom tem sido frequentemente traída.